

Os meios de comunicação enquanto formadores e legitimadores de identidades: uma reflexão sobre a representação dos negros na mídia.¹

Autora: Lara Linhalis Guimarães²

Co-autora: Raquel Lara Rezende Alves Pinto³

Universidade Federal de Viçosa (UFV)

Resumo

Este texto pretende relatar e refletir acerca do debate sobre a participação dos negros na mídia, empreendido pelas integrantes do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa sobre Cultura Popular “Gengibre” na comunidade de afro-descendentes “Ganga Zumba”, sediada em Ponte Nova, MG. O debate teve como objetivo estimular a percepção crítica acerca dos discursos da mídia. A partir dos apontamentos construídos coletivamente durante a discussão, pudemos perceber a importância dos meios de comunicação, principalmente do meio televisivo, enquanto espaços de construção, legitimação e validação identitária. Também foi constatado pelos integrantes do Ganga a baixa participação dos negros nos programas televisivos em geral, além de atentarem para o fato de que quando há essa participação, ela é permeada por estereótipos e reafirma, na maioria dos casos, a exclusão social vivenciada pelos negros.

Palavras-chaves: mídia; identidade; negros.

¹ Trabalho submetido ao Intercom Júnior, XXIX Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Brasília/DF, 06 a 09 de setembro de 2006.

² Lara Linhalis Guimarães é graduanda do curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Viçosa (UFV). É integrante do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa sobre Cultura Popular “Gengibre”.

³ Raquel Lara Rezende Alves Pinto é graduanda do curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Viçosa (UFV). É integrante do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa sobre Cultura Popular “Gengibre”.

Introdução

Este texto constitui o relato de um debate desenvolvido pelo Grupo Interdisciplinar de Pesquisa sobre Cultura Popular “Gengibre” (UFV) na comunidade de afro-descendentes “Ganga-Zumba”, localizada na cidade mineira de Ponte Nova. Nas visitas anteriores a esse encontro, pudemos perceber a importância que os meios de comunicação de massa, em especial, a televisão, assumem no cotidiano do Ganga enquanto veículos de legitimação e validação social.

Durante esses encontros, algumas colocações dos integrantes do Grupo deixavam clara, por exemplo, a ligação direta que se faz geralmente entre visibilidade na mídia e prestígio social. Outra percepção importante foi acerca do papel potencializador da mídia de massa enquanto formadora e difusora de padrões sociais que se tornam hegemônicos.

A construção do debate foi permeada por diferentes reflexões, como a escassa participação dos negros na mídia e os impactos no âmbito local dessa exclusão; a validação de atores sociais negros de prestígio na mídia e a busca incessante por identificações com a cultura africana.

Esse momento de reflexão coletiva teve como objetivo principal estimular no “Ganga Zumba” uma leitura crítica acerca dos discursos e da cultura veiculados pela mídia. Nos preocupamos, principalmente, em estimular a discussão de que os textos da mídia não são cópias da realidade, mas representações construídas por indivíduos singulares.

O Grupo Afro “Ganga Zumba”

Histórico e primeiros contatos

O “Ganga Zumba” foi criado no final da década de 80, em Ponte Nova-MG, como um grupo de dança “baiana” que utilizava o “som africano” nas apresentações. Segundo Pedrinho Catarino, o “Seu Pedrinho”, então presidente do grupo, por volta do ano de 1994 o “Ganga Zumba” perdeu forças. E foi necessário uma boa “puxada de orelhas” nos integrantes para que o grupo renascesse com toda a energia possível. Atualmente, a comunidade realiza as mais diversas atividades na área cultural e social, todas elas sob o olhar vigilante e empenhado de Seu Pedrinho e dos componentes do Ganga.

Dentre algumas atividades estão grupos de dança, percussão, coral, congo, capoeira e maculêlê, bem como práticas de cunho social como cursos de corte e costura, cursinho pré-vestibular, asilo, reciclagem, arrecadação periódica de alimentos e parceria de empregos

com a Caixa Econômica Federal. Na sede do Ganga são realizadas e planejadas as atividades culturais e sociais.

No final do ano de 2004, Seu Pedrinho foi até ao Departamento de Artes e Humanidades em busca da “ajuda” profissional no desenvolvimento de algumas atividades culturais, como o aperfeiçoamento dos percussionistas e dançarinas da comunidade. No dia 14 de janeiro de 2005, depois de algumas conversas entre o presidente do “Ganga Zumba” e a orientadora das Gengibreiras, nosso Grupo de Pesquisa esteve reunido com as lideranças do Ganga na casa do Seu Pedrinho.

Essa primeira conversa possibilitou um diálogo entre as atividades realizadas pela comunidade e os trabalhos de pesquisa-ação realizados por nosso grupo. Procuramos então “dar voz” ao Grupo, a fim de compreendermos como poderíamos contribuir nos trabalhos já desenvolvidos pelos moradores, sem a imposição de novos valores ou crenças. Como afirma Reily, os pesquisadores devem encontrar meios criativos de ação que instiguem a tragam à tona o próprio material tradicional do grupo. Além disso, os “agentes externos” devem ser parte

“de um processo pedagógico que incentive tanto a construção de uma identidade própria como a tolerância das diferenças. Trata-se, em última instância, da recuperação da dignidade através de uma atuação prática- uma performance – de manifestações que expressem, de forma resumida, todo um conteúdo social amplo, sobre o qual é possível refletir”. (REILY, 1991)

Muitas foram as sugestões, e logo nos identificamos com algumas atividades realizadas na área cultural, principalmente aquelas que possuem matrizes africanas, como a dança e música afro-brasileira.

O aspecto que mais nos chamou atenção ao visitarmos a comunidade foi a vontade manifestada pelos moradores de conhecer em profundidade a cultura “deles”, ou seja, “a história negra certa”, como enfatizou Márcia, coordenadora das atividades de dança. Segundo ela, a história dos negros ensinada nas escolas não corresponde à versão difundida oralmente entre as gerações “negras”. “Não podemos ter vergonha da nossa raça!” completou Márcia.

Dessa forma, combinamos com o Grupo a realização de oficinas “especializantes” na sede do Ganga, ou seja, realizaríamos algumas atividades com o intuito de promover e instigar o que já era produzido culturalmente na comunidade. Nossos objetivos se

construíram sempre de forma a dialogar o “saber acadêmico” e o “saber local”, este último rico em matrizes ancestrais potencializadoras das práticas culturais e sociais desenvolvidas pelo Ganga Zumba.

Algumas atividades foram realizadas no decorrer do ano de 2005, como as oficinas de “Dança e ancestralidade” e “Percepção artística”, e o debate acerca da importância da memória coletiva enquanto forma de resistência cultural; todas ministradas por integrantes do Gengibre, dentre professores e alunos.

Após cada debate e oficina o desejo de reencontro e o valor atribuído a esses espaços teóricos-práticos-reflexivos aumentavam, pois a cada encontro os conteúdos discutidos e vivenciados faziam mais sentido para a comunidade. Na última visita, outros integrantes de grupos negros representativos em Ponte Nova também participaram e demonstraram o desejo de se vincularem a essas atividades.

Percebendo a importância que as nossas atividades adquiriam para a comunidade, decidimos construir o Projeto de Extensão “Entre sombras e gestos: a re-construção da identidade afro-brasileira no Grupo “Ganga Zumba”, Ponte Nova –MG”, aprovado em edital da Universidade Federal de Viçosa (UFV) este ano.

A aprovação nos abriu muitas perspectivas de ação e contribuiu para a concretização de um cronograma regular de atividades na comunidade, já iniciado desde o último mês de abril.

Discutindo a participação dos negros na mídia

A origem das idéias

Em visita à comunidade no mês de abril deste ano pudemos registrar, através de um debate entre as Gengibreiras e o Ganga, algumas demandas de ação, dentre elas o desejo da comunidade de conhecer mais sobre a cultura africana, aprender técnicas de expressão corporal e percussão e estudar a história “certa” dos negros no Brasil e na África. Quando a conversa girou em torno dos meios de comunicação, percebemos grande necessidade do Grupo de “se ver” na mídia, manifestada através do desejo de assistir e debater filmes e novelas dos quais participassem atores negros.

Em reflexão posterior, entendemos que esse “anseio” manifestado pelo Ganga é sintomático do papel que a televisão, meio de “massa” por excelência, assume na

contemporaneidade, enquanto espaço de legitimação e validação identitária, além de constituir mecanismo eficiente de construção de poder e difusão de padrões sociais.

Isso porque, como afirma o sociólogo Pierre Bourdieu (1997), “a imagem [televisiva] tem a particularidade de poder produzir o que os críticos literários chamam de ‘efeito de real’, ela pode fazer ver e fazer crer no que faz ver”. Assim, assumindo que há um condicionamento das imagens da mídia sobre o imaginário e práticas sociais, é necessária uma reflexão constante acerca da constituição dessa “cultura da mídia”. (SANTAELLA, 2003).

Em razão disso, qualquer debate sobre o tema em questão deve considerar tanto as características internas de cada formato midiático e os condicionantes externos do campo comunicacional em geral, como os mitos reinantes em cada campo e os estereótipos produzidos em cada âmbito.

Fragmentação identitária e televisão

Muitos autores de grande influência teórica no campo comunicacional atual, como Stuart Hall e Néstor Canclini, atentam para o fato de que a contemporaneidade é marcada por uma “crise de identidade” dos sujeitos: mudanças em todos os níveis sociais e processos atuantes em escala global estão fragmentando e deslocando referenciais identitários antes bem alojados no interior de práticas culturais bem definidas.

Não concordamos, porém, que as diferentes identidades, assim como as diferentes culturas, devam permanecer estáticas no decorrer do tempo histórico. Mas entendemos que

“quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos, e parecem ‘flutuar livremente’” (HALL, 2004)

Dessa forma, não podemos perder de vista o papel desempenhado pelos meios de comunicação de massa, principalmente pela televisão, nesse processo acelerado de “reconstrução” identitária e legitimação de padrões sociais específicos. Como afirma Kellner,

“a televisão e outras formas da cultura da mídia desempenham papel fundamental da reestruturação da identidade contemporânea e na conformação de pensamentos e comportamentos. (...) a televisão hoje em dia assume algumas das funções tradicionalmente atribuídas ao mito e ao ritual (ou seja, integrar os indivíduos numa

ordem social, celebrando valores dominantes, oferecendo modelos de pensamento, comportamento e sexo para imitação, etc.)". (KELLNER, 2001)

Foi a partir dessas premissas e da importância que a mídia de massa assume na comunidade (como em muitos outros âmbitos sociais) que decidimos debater acerca da participação dos negros na “cultura da mídia”.

A construção do debate

A fim de direcionarmos a esquematização do debate, construímos algumas hipóteses com base nas visitas à comunidade:

-Ao perceber os meios de comunicação de massa enquanto formas de inclusão, validação e reconhecimento social, o Grupo se frustra e sente excluído da sociedade quando se “vê” pouco representado nesses meios. Dessa forma, o processo de construção identitária, do qual a mídia também é parte importante, ganha uma lacuna profunda, que é preenchida com o desejo intenso de “retornar às raízes” e conhecer e se identificar fortemente na “origem passada”, na “mãe África”.

-Muitas das imagens e idéias que o Grupo possui acerca da África são condicionadas através de representações midiáticas.

-Alguns padrões estéticos, comportamentais e sociais em geral (estereótipos) são também construídos em função da difusão e legitimação destes pelos meios de comunicação de massa.

Assim, o objetivo principal ao discutirmos a participação dos negros na mídia é refletirmos acerca da “super-valorização” dos meios de comunicação enquanto espaços de validação identitária e da necessidade de identificação com a “mãe África”, além de atentar para a importância de se buscar identificações mais sólidas com pessoas que compartilhem a mesma realidade social, cultural e histórica.

O roteiro de ação foi esquematizado com base nessas proposições, mas tornou-se flexível, sem prejudicar a estrutura principal, devido à riqueza de opiniões e idéias que partiram da comunidade no dia do debate, quando estavam presentes na sede do Ganga cerca de 20 pessoas, entre moradores da comunidade e integrantes do Grupo.

Os passos e as reflexões acerca da ação

1º momento- Escolha das imagens:

Selecionamos previamente algumas imagens das revistas *Veja*, *Isto é*, *Caros Amigos*, *Nova*, *Minha novela* e *Contigo*, e do periódico diário *Folha de São Paulo*. As imagens representavam estereótipos estéticos, comportamentais, e valorativos, além de fotos jornalísticas que abordavam, em sua maioria, algumas realidades de grupos negros, tanto em situação de pobreza e de luta, quanto de visibilidade na mídia. Exemplos: imagens de negros expondo produtos de beleza, com mulheres de cabelos lisos e homens de cabelo raspado; de atores e cantores “brancos” e “negros” de sucesso na mídia, como Alexandre Pires; de sportistas negros famosos, como Pelé e Dayane dos Santos; de um casal negro “feliz”; de uma atriz “feliz” por ganhar um carro; de modelos “negros” e “brancos”; de uma modelo com traços e roupas “indígenas”; de negros em meio à pobreza e à guerra civil em um país africano; de militância negra em um país africano, de crianças negras brasileiras catando latinhas.

Já na sede do Ganga, espalhamos as imagens no interior do círculo de pessoas. Pedimos então para que cada presente escolhesse uma imagem e, depois, explicasse o porquê da escolha.

2º momento-Discussão acerca dos relatos:

Alguns pontos foram discutidos, dentre eles:

- As imagens retiradas das revistas e periódicos são “imagens televisivas”, ou seja, construídas ou encontradas constantemente na televisão.
- A televisão está presente no cotidiano das pessoas enquanto legitimadora de padrões sociais. Atentamos para o fato de essa não ser uma característica inerente à televisão enquanto técnica, mas sim um aspecto relacionado ao seu uso atual.
- Os meios de comunicação enquanto espaço de construção de poder, de legitimação, reconhecimento e validação social. Para ser importante, “subir na vida” e “brilhar” é necessário aparecer na telinha?
- As notícias e imagens da mídia não são “verdades”, são apenas representações de diferentes realidades. Desconstrução do mito da imparcialidade.

- Estereótipos enquanto modelos sociais (estéticos, comportamentais, valorativos) que condicionam ações em geral. Estereótipos trabalhados: beleza negra (cabelos escovados e tratamentos químicos; no caso do homens, cabelo raspado), cultura negra (funk e pagode, cultura tribal), África atual (pobreza, fome e guerra), África pré-colonização (“mãe África”, tribos convivendo em harmonia), sucesso e felicidade (Pelé, Dayanne dos Santos, Alexandre Pires; visibilidade na mídia, poder e dinheiro)
- Necessidade de olhar as imagens da mídia com criticidade, não com total consentimento ou total negação.

3º momento-Divisão em grupos e reflexão:

Os participantes foram divididos em 4 grupos. Pedimos para que cada grupo identificasse os programas televisivos mais assistidos e comentasse sobre a possível participação de negros nesses programas. Dentre os mais citados estão as telenovelas e os telejornais da Rede Globo, mas também foram registrados programas humorísticos, de auditório e desenhos animados.

Algumas apontamentos acerca dos programas mais citados foram gerais:

- Nas telenovelas, os negros assumem papéis principais, em geral, apenas quando a temática gira em torno da escravidão, do preconceito racial ou quando a personagem tem origem na periferia. Fora isso, os papéis assumidos são de figurantes ou personagens com funções sociais menos valorizadas.
- Nos telejornais, é baixa a participação de negros como repórteres e, principalmente, como âncoras.
- Nos programas de auditório e de humor, a presença de negros é quase nula. No caso específico dos de auditório, a porcentagem de negros se restringe aos 3% exigidos por lei (que pode ser encontrada entre as dançarinas)
- Nos desenhos animados, a composição de personagens negros é também quase nula.

4º momento-Discussão dos apontamentos

Algumas reflexões foram desenvolvidas:

- A participação dos negros na mídia vem crescendo nos últimos anos, mas ainda é irrisória, já que grande parte da população brasileira é negra ou afro-descendente.

- Os negros só são excluídos da mídia porque são excluídos também em outras esferas sociais? A telenovela, por exemplo, representa a realidade ou influencia a realidade?
- Como existem vários tipos de preconceitos, e não só o racial, precisamos refletir sobre quando também somos preconceituosos em diversas situações. Negro não tem preconceito?

5º momento- Dinâmica do Espelho

Os participantes se dividiram em duplas e cada dupla deu as mãos. Pedimos, então, para que cada um imaginasse a pessoa que estava na sua frente como seu espelho, admirasse com cuidado cada detalhe do rosto, sentisse o cheiro, tocasse nas mãos.

A dinâmica teve como propósito estimular a reflexão acerca da identificação com familiares, amigos e com a comunidade na qual estamos inseridos. Assim, buscamos o entendimento do grupo de que não é preciso estar na mídia para sermos importantes ou termos valor.

Próximos passos

A fim de materializar as reflexões e apontamentos desenvolvidos no debate pretendemos, no nosso próximo encontro com a comunidade, construir uma carta-proposta acerca da participação dos negros nos meios de comunicação. Assim, através da divulgação dessa carta nos meios acadêmico e social em geral, desejamos “dar voz” não só ao grupo de afro-descendentes “Ganga Zumba”, mas a todas as culturas e grupos excluídos do processo de construção das narrativas midiáticas.

Bibliografia

- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- CHAUI, Marilena. **Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil**. 6. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
- ECO, Umberto. Enredo e casualidade: a experiência da televisão e a estética. *In: **Obra Aberta***. São Paulo, Perspectiva, 1976.
- FRANÇA, Vera Veiga; HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C. (orgs). **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- KELLNER, Douglas. **A cultura das mídias – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru: EDUSC, 2001.
- LIMA, Luiz Costa (org). Comunicação e cultura de massa. *In: **Teoria da cultura de massa***. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. **Pesquisa em Comunicação**. 5. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.
- MORAES, Denis (org). **Globalização, mídia e cultura contemporânea**. Campo Grande: Letra Livre, 1997.
- ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- REILY, Sueli Ana, DOULA, Sheila M. (orgs). **Do folclore a cultura popular**. São Paulo: Departamento de Antropologia/FFLCH/USP, 1991.
- SANTAELLA, Lúcia. **A cultura das mídias**. São Paulo: Experimento, 1996.
- SANTOS, Milton. Da cultura à indústria cultural. *In: **O país distorcido: o Brasil, a globalização e a cidadania***. São Paulo: Publifolha, 2002.
- _____. **Pensando o Espaço do Homem**. 5. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.
- SILVERSTONE, Roger. Memória. *In: **Por que estudar a mídia?*** Trad. Milton Camargo Mota. Edições Loyola: São Paulo, 2002.
- VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. **Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento**. *In: Revista da Faculdade de Educação e Centro de Memória da Unicamp*. São Paulo, 2004.